



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

“ESFREGA A ROUPA MARIA NO TANQUE”¹:

NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

“RUB THE CLOTHES, MARIA, IN THE TANK”:

NARRATIVES OF BLACK WOMEN FROM THE SALVADOR'S WASHERWOMEN MOVEMENT

Roseli Leal Ribeiro – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo se concentra na trajetória das mulheres negras envolvidas no movimento das Lavadeiras de Salvador, explora o impacto das narrativas individuais na reconstrução de uma memória coletiva, na luta por direitos, espaço e reconhecimento na sociedade. O objetivo geral é analisar narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador entendendo como a memória pode ressignificar trajetórias subalternizadas e fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados. A fundamentação teórica discute a memória do Movimento das Lavadeiras de Salvador, as narrativas de grupos subalternizados, as memórias subterrâneas e no caso específico do Movimento das Lavadeiras de Salvador, a compreensão do movimento social como classe social e trabalhadora, mas também na perspectiva dos marcadores sociais de gênero e raça. A metodologia é qualitativa, descritiva, exploratória com a utilização de entrevista semiestruturada, resultando na compilação e síntese dos relatos e das informações documentais. Os resultados trazem à tona recordações vividas durante o período de atuação no movimento, evocando memórias de “luta”, “fé” e “dificuldades”, relacionando as experiências vividas com as suas inseguranças, instabilidades econômicas, criação dos filhos e filhas, preocupação com a velhice e a regularização da profissão. As considerações apontam que os registros das histórias orais revelam os problemas sociais estruturantes na construção da sociedade, evidenciando as narrativas como fonte de informação em consonância com responsabilidade e ética social da Ciência da Informação, contribuindo para uma compreensão mais ampla da história social e para a promoção da justiça social e cultural.

Palavras-chave: mulheres negras; memórias; Movimento das Lavadeiras de Salvador.

Abstract: This study focuses on the trajectory of black women involved in Salvador's Washerwomen Movement, exploring the impact of individual narratives in reconstructing a collective memory, in the fight for rights, space, and recognition in society. The general objective is to analyze narratives of black women from Salvador's Washerwomen Movement, understanding how memory can give new meaning

¹ Os títulos entre aspas se referem ao poema “Esfrega a roupa” de Laura, lavadeira do bairro Barreiras publicado no livro “Lavadeiras: mulheres construindo um movimento” (1988).

to subordinated trajectories and strengthen socially (in)visible groups. The theoretical foundation discusses the memory of the Salvador's Washerwomen Movement, the narratives of subordinated groups, underground memories, and in the specific case of the Salvador's Washerwomen Movement, the understanding of the social movement as a social and working class, but also from the perspective of markers gender and race. The methodology is qualitative, descriptive, and exploratory with semi-structured interviews, resulting in the compilation and synthesis of reports and documentary information. The results bring to light memories lived during the period of activity in the movement, evoking memories of "struggle", "faith" and "difficulties", relating the experiences lived with their insecurities, economic instabilities, raising children, concern about old age and the regularization of the profession. The considerations point out that the records of oral histories reveal the structuring of social problems in the construction of society, highlighting narratives as a source of information in line with the responsibility and social ethics of Information Science, contributing to a broader understanding of social history and the promoting social and cultural justice.

Keywords: black women; memories; Salvador's Washerwomen Movement.

1 "POBRE MARIA, VAI TORCENDO A VIDA": INTRODUÇÃO

Este estudo tem como uma das motivações sobrelevar as memórias dos protagonismos de mulheres negras na (re)construção do Movimento das Lavadeiras de Salvador (MSL). O movimento das Lavadeiras de Salvador foi fenômeno popular social que teve sua ascensão no final da década de 1970 inícios dos anos 1980, composto por mulheres e homens brancos, porém na sua grande maioria era formado por mulheres negras de baixa escolaridade. Neste estudo destacamos especificamente alguns aspectos da trajetória das mulheres negras envolvidas no movimento que viviam nos centros urbanos à margem da sociedade. Essas mulheres almejavam melhores condições de trabalho e reconhecimento da sua identidade na engrenagem social.

Grupos como estes se destacam por manter sua cultura e se enxergar como cidadãos e cidadãos de direito em uma época que a repressão dominava, principalmente às pessoas que não tinham registro de trabalho formal. Mulheres, em sua maioria negras, que carregam em suas peles a discriminação de serem lavadeiras, um legado de gerações, transpassando o ofício de mãe para filhas e filhos. Lembranças, emoções e narrativas carregadas de afetos, perpetuando sua identidade.

A história do Movimento das Lavadeiras de Salvador no tramitar de suas atividades administrativas acumulou um riquíssimo acervo documental importante na contextualização da luta e reconhecimento da cidadania desse grupo de mulheres. Atualmente, a documentação está armazenada no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), na cidade de Salvador, Bahia. Ele compõe um dos fundos da Casa da Memória Popular (CAMPO). O CAMPO

é um dos projetos do CEAS que visa a memória dos movimentos sociais baianos e nordestinos, custodiando a salvaguarda e preservação dos documentos.

Assim, como questão central, indagamos: Como as narrativas de mulheres negras podem ressignificar trajetórias subalternizadas e fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados?

Para responder esse questionamento, o objetivo geral da pesquisa se configurou em: analisar narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador entendendo como a memória pode ressignificar trajetórias subalternizadas e fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados.

Para isso, o trabalho foi estruturado em 5 (cinco) seções: seção 2 aborda a história e memória do MLS; a seção 3 discorre sobre a metodologia qualitativa, descritiva, exploratória com elaboração de entrevista semiestruturada; a seção 4 mostra as discussões e comparativo das entrevistas, resultando na compilação e síntese das entrevistas; na seção 5 as considerações finais.

2 MEMÓRIA DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

Ao falarmos de memórias estamos falando de histórias de vidas, lembranças, emoções e de memórias individuais. Memórias estão carregadas de afeto, pertencimento identitário da pessoa ou grupo social ao qual está inserido(a).

A percepção de si no contexto dos fatos sociais direciona enredos de vidas que se cruzam, carregadas de memórias afetivas. O(a) indivíduo/pessoa, no caso as lavadeiras, construiu o que lhe representa através de seu juízo de valor e dos(as) demais, através de suas próprias narrativas onde “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas” (Pollak, 1992, p. 2). Necessário escutar as narrativas desse grupo de mulheres.

Michel Pollak (1992) e Ecléa Bosi (1994), ambos em suas áreas de estudos, analisam a subjetividade nas narrativas de grupos subalternizados ao dar voz a essas memórias subterrâneas através do registro da história oral. Michael Pollak (1992) diz que é no(a) indivíduo/pessoa que se formula uma memória. Esta, por não estar materializada ou ser formalizadas de uma forma marginalizada, acaba por ser esquecida ou como denomina o autor “memória subterrânea”. Para Pollak (1992, p. 4):

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à 'Memória oficial', no caso a memória nacional.

Nessa ótica, as memórias subterrâneas estão diretamente ligadas à memória individual e oralizada, necessitando de uma análise mais refinada. A oralidade das memórias subterrâneas necessita de uma verificação na pluralidade e diversidades de relações sociais, por se tratar da singularidade do(a) ser humano e de sua história de vida.

Ao falarmos de narrativas exprimimos sobre a ótica da história oral. Para Margaret Hedstrom (2016, p. 244)

O uso de memórias, história oral, testemunho e demais traços de memórias como prova de regimes repressores, mudanças sociais abruptas e eventos traumáticos tornam-se ainda mais complexo, porque, em muitos casos, as provas documentais foram distorcidas, classificadas como confidenciais ou destruídas, deixando as testemunhas e relatos pessoais como únicas fontes de alternativas, nas buscas por revelar o que porventura tenha ocorrido.

O registro de relatos pessoais pela técnica de historiografia da oralidade é rico em afetividade. O(a) indivíduo/pessoa narra suas histórias de vida tendo a percepção de si e identidade no sentimento de pertencimento na construção da memória social. Seus costumes e lembranças são repassados de gerações em gerações perpetuando uma consciência de identidade e classe.

No caso específico deste estudo sobre MLS, compreendemos não somente a consciência de classe, como classe social e trabalhadora, mas também a distinção de gênero e étnico-racial.

Lélia Gonzalez (2020) observa as especificidades das mulheres negras, na elaboração da carta de princípios do Movimento Negro Unificado MNU: exploração sexual, social e econômica da mulher negra e o abandono e tratamento precário dos menores, em sua maioria, que vivem e trabalham com as mães. A autora pontua:

E é precisamente no popular que encontramos maior participação de mulheres afro-americanas e ameríndias que, preocupadas com o problema de sobrevivência familiar, procuram se organizar coletivamente; por outro lado, sua presença sobretudo no mercado informal de trabalho as remete a novas demandas. Dada a sua posição social, articulada com discriminação racial e sexual, são elas que sofrem mais brutalmente os efeitos da crise (Gonzalez, 2020, p. 133).

Essa afirmação reforça a discussão que a autora denomina de capitalismo patriarcal racista. Afinal, “nossos parceiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento” (Gonzalez, 2020, p. 134). Mulheres negras acabam por enfrentar sexismo, racismo e a polarização da formação dos movimentos operários da época em torno dos(as) profissionais e sindicatos das indústrias, a exemplo da metalúrgica, petroquímica e construção civil.

Nesse sentido, a cognição é entendida como reconhecimento de si junto à comunidade, atrelada ao construtivismo social, isto é, o coletivo agente de memórias tecendo lembranças e afetos, em uma luta por sobrevivência, direitos, cidadania pela sua imagem, cultura, história e crenças.

2.1 Movimento das Lavadeiras de Salvador

Historicamente, a cidade de Salvador tem sido palco dos acontecimentos da industrialização, modernização, urbanização e do crescimento desigual que o modo de vida imposto às classes mais populares vem enfrentando. As antigas ocupações laborais e as novas formas do mundo do trabalho caminharam em direções diferentes, fruto de processos socioculturais contraditórios e excludentes, mas coexistentes.

O ofício de ganho das mulheres negras preocupava o controle do Estado desde o Período Colonial, que as via como ameaça a ordem pública, “[...] vistas como elementos perigosos, pela liberdade de circulação que tinham através das lavras, possivelmente contrabandeando ouro e acoitando negros fugidos” relata Cecilia Moreira Soares (1993, p. 65).

Nesse contexto aparece a profissão de lavadeira, como um prolongamento das tarefas das mulheres escravizadas de ganho ou “ganhadeiras” do Brasil colonial e imperial. As precárias condições de trabalho das lavadeiras apontam indícios da continuação desse labor que era desenvolvido pelas mulheres escravizadas em diversos lugares da cidade e do país, assim relatam Francisco Antônio Zorzo, Leda Maria Fonseca Bazzo e Lucian Conceição de Alcântara (2015) em artigo publicado, fruto do Projeto de Extensão UFBA “Lavanderia coletiva no Alto das Pombas – memória, saúde e empoderamento”.

Nesse sentido, o MLS foi um movimento de mulheres negras em busca de melhores condições de vida e reconhecimento do seu ofício. Ilse Scherer-Warren (1993, p. 24) nos

ensina que “a composição social de um movimento é, por certo, especificamente de classe [...]” por isso popular, não necessariamente organizações políticas partidárias institucionalizadas. A autora denomina os movimentos sociais do final dos anos 1970 como os “novos movimentos”, tais fatos foram denominados de diversos desígnios: novos movimentos de protesto, novo populismo, neo romantismo, antipolítica, política desordenada, novas experiências participativas, nova política.

O MLS, assim como outros movimentos populares, ganhou características novas: “[...] reconhecimento do povo (num sentido mais abrangente do que classe operária)”. Scherer-Warren (1993, p. 39) enfatiza sobre uma consciência política transformadora na construção da sociedade. Este sentido abrangente sobrepõe a opressão do capitalismo à classe trabalhadora, as reivindicações amplas de cidadania, melhor qualidade de vida, relações intrínsecas com machismo e racismo.

Nesse viés, o MLS ganhou imensa proporção, atingindo a região metropolitana e alguns municípios do interior do Estado da Bahia, após constituir a Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador (ALARMES) iniciada na década de 1980 (oitenta), tendo como prova documental a ata da primeira assembleia, conforme disposto no Trabalho de Conclusão de Curso de Edméia Vianna (2020, p. 54).

Ao analisarmos o MLS verificaremos sobre dois aspectos o político na constituição administrativa com os documentos, e a contextualização histórica das próprias narrativas dessas mulheres que participaram do movimento ao qual relatam “só agora que apresentei a tabela é que querem provar que sou lavadeira” (Caderno do CEAS, 1988, p. 29), retomaremos esta fala no capítulo das discussões.

Na esfera política administrativa, recuperamos a prova documental da primeira assembleia e criação da ALARMES com início na década de 1980 (oitenta). Nesse contexto, as lavadeiras exercem sua atividade laboral com marcas sociais e resquícios da escravidão. Mulheres na sua grande maioria afrodescendentes analfabetas ou semianalfabetas, vivendo na capital, porém em zonas periféricas da cidade, em invasões de terrenos de domínio da prefeitura: “Há muita migração interna dentro de Salvador. O pessoal vai de uma favela para outra, a família invade uma favela, constrói um barraco, logo vende o barraco como meio de sobrevivência e vai ocupar outra área” (Caderno do CEAS, 1988, p. 11).

Historicamente a população de atividades subalternizadas vivia nas favelas, em condições subumanas. “A maioria vem do interior, vai para favela e não sai de casa nem para

trabalhar” (Caderno do CEAS, 1988, p. 11). Algumas vieram do interior outras, porém foram impostas a sair da vista da metrópole, que estava em ascensão econômica.

A capital de Salvador a partir da década de 1970 apresenta um crescimento demográfico acentuado, assim como em outras capitais no mesmo período, ancorados na industrialização dos processos e vivenciando um sistema político ditatorial.

A insatisfação com o poder do Estado acentua-se, em 1971, quando ocorreram fortes chuvas e alagamentos na cidade de Salvador, ocasionando muitas mortes da população que sobreviviam nas favelas. Muitas lavadeiras e suas famílias foram fortemente atingidas, pois estas viviam à beira de rios, riachos e córregos para facilitar a lavagem das roupas, visto que as casas não possuíam água encanada.

As populações subalternizadas movimentavam-se e reivindicavam por melhores salários, condições de trabalho justo, qualidade de vida entre outros. Porém, essa luta resultava, por muitas vezes em ameaças, e até agressões por parte da força policial. As reivindicações não eram organizadas e havia a repressão do Estado, e muitos eram acolhidos pela comunidade católica local.

Com inúmeros descontentamentos ao governo, os movimentos populares adquiriram forças no final de 1970, que alguns historiadores chamam de redemocratização. E com eles surgem as instituições que institucionalizam as reivindicações do povo através dos sindicatos, associações e partidos. Assim, observa-se uma movimentação para articular essas mulheres que vinham desempenhando atividades acerca da profissão de lavadeiras.

A discussão e criação da ALARMES foi fundamental para as articulações do MLS. Mesmo sem registro efetivo, a ALARMES produziu um quantitativo documental rico. Edméia Viana (2020, p. 50) relata:

O Plano de arquivamento da documentação das lavadeiras de (1983-1994) se dava da seguinte forma: Por grupos de lavadeiras; representantes; agentes; assembleias e passeatas; relação de lavadeiras e grupos; recortes de jornais; boletins; impressos em geral; cânticos, poemas e orações; tabelas; A fala das lavadeiras; documentos pessoais; questões legais; articulações; contabilidade da ARLARMES; fotografias; diversos.

Ressaltamos que a ALARMES foi institucionalizada em meados de 1988, no entanto, o Jornal ALARMES já apresentava e disseminou informações como a Tabela das lavadeiras e faxineiras, que foram documentos constantemente distribuídos e discutidos nas reuniões desde 1983.

Conforme José Antônio Pecchia, jesuíta e assessor do CEAS, em conversa gravada em 1988, relata que a iniciativa de organização partiu das próprias lavadeiras no Bairro Bariri na área Suburbana de Salvador, através dos agentes da pastoral católica que trabalhavam na região. E só alguns anos depois a ALARMES foi de fato registrada em assembleia, devido a adesão de algumas cidades da região metropolitana.

O Jornal ALARMES foi um dispositivo necessário com informações do cotidiano, chamando para assembleias, atos, festas, receitas, as imagens sempre didáticas representava o dia a dia das lavadeiras.

Em cada assembleia, em cada reunião de representantes, aparecem não sei quantas poesias para saírem no jornalzinho. Tem várias poesias na lista de espera! As lavadeiras gostam de ver publicadas coisas que elas mesmas fizeram. Às vezes não são nem elas que fazem, mandam fazer por algum vizinho ou amigo e enviam para ALARMES (Caderno do CEAS, 1988, p. 31).

Esta citação evidencia três situações: a disseminação da informação, a identidade do coletivo em ser protagonizado na sua própria história e o construtivismo social, através da ajuda de terceiros em prol da causa. Essas mulheres são a representação viva desse movimento, com suas histórias e lutas, e nos mostram que o caminho da resistência é extenso, mas essencial para construir um futuro em que as mulheres negras possam viver com dignidade, respeito e liberdade.

3 “A VIDA DE MARIA NÃO É SOPA”: METODOLOGIA

Quanto à natureza da pesquisa, esta é de cunho qualitativo, pois, conforme Fábio Appolinário, (2004, p. 151) informa, a pesquisa qualitativa “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados”. Isto é, extrair do discurso apresentado pelas Lavadeiras os dados com aspectos de memória afetiva a serem averiguados. Quanto aos objetivos, classificamos a pesquisa como descritiva e exploratória (Gil, 2002).

O campo da pesquisa, como já mencionado, é o Movimento das Lavadeiras de Salvador (MLS), criado no final dos anos 1970 e início de 1980, composto majoritariamente por mulheres negras, algumas mulheres brancas e homens, das camadas mais vulnerabilizadas da população.

O objeto da pesquisa são as narrativas de mulheres negras do MLS. Para organização da coleta de dados utilizou-se de um Roteiro de entrevista semiestruturada: com finalidade

de evidenciar as memórias (narrativas) das mulheres negras, protagonistas do MLS. Segundo Cecília Minayo (2005), na entrevista semiestruturada o(a) sujeito(a) tem uma participação ativa e a pessoa pesquisadora pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem uma melhor compreensão do objeto de análise.

As participantes desta pesquisa foram 2 (duas) entrevistadas: 1 (uma) vivenciou o MLS ativamente, e a outra com participação menos atuante. As entrevistas foram aplicadas no ano de 2021, ainda no estado pandêmico, e devido ao fato das entrevistadas terem idade avançada, características do grupo de risco do COVID-19, achamos mais seguro e propício realizarmos as entrevistas via telefone. Primeiramente, entramos em contato com as filhas das entrevistadas, para agendamento em data e horário, propício. Em seguida, informamos do que se tratava a entrevista e o objetivo dela, obtivemos as permissões para a gravação do áudio e posteriormente demos início a entrevista. Salientamos que as autorizações para realização e utilização dos discursos na pesquisa, conforme Termo de Consentimento encaminhados para devida assinatura. Após realizadas e transcritas, a etapa seguinte foi a estruturação dos dados informacionais levantados nas entrevistas.

Entendemos que tanto as experiências de vida quanto a afetividades das mulheres negras do MLS são contextualizadas com momento histórico e sociopolítico da época, também fazemos uso, nesta pesquisa, de alguns princípios do método historiográfico, por compreender que este possibilita novas reconstruções da realidade a partir da interlocução da pessoa que a significa. Ou seja, construções narrativas dos resultados da pesquisa, realizada a partir da investigação empírica e de crítica documental. Pois assim, a historiografia, proposta por Walter Benjamin (1986), a humanidade pertence à história e a história pertence à humanidade, e, é a humanidade quem julga a história, não o contrário.

4 “MARIA ... ESTÁ LAVANDO A VIDA”: RESULTADOS E DISCUSSÕES

As memórias das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador serão analisadas e entendidas a partir do esforço teórico e metodológico que construímos até aqui. Assim, nesta seção apresentaremos o detalhamento dos procedimentos de coleta, as fontes e os instrumentos utilizados, a análise dos dados, os resultados da pesquisa e discussões sobre essas mulheres que há muito lutam por dignidade e direitos.

No item 4.1 “Narrativas Oraís: entrevistas semiestruturadas”, a seguir, apresentamos as narrativas dessas mulheres a partir da sua vivência e trajetória no Movimento das Lavadeiras de Salvador, e como apresentado na metodologia, selecionamos trechos obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres negras protagonistas do MLS. Em um segundo momento categorizamos essas falas, sintetizamos e organizamos os dados selecionados, tanto em quadros, como nas narrativas documentais, contendo informações centrais extraídas dos discursos.

4.1 Narrativas orais: entrevistas semiestruturadas

Para analisar as narrativas foram traçados dois eixos, um denominado de **vivências**, que possuem relatos do cotidiano da vida das lavadeiras, e outro de **MLS**, que buscamos selecionar os relatos quanto à experiência do movimento. No entanto, apesar de contermos uma semiestrutura nas perguntas, deixamos o diálogo transcórrer de forma a permitir às entrevistadas ficarem à vontade, como permite o instrumento escolhido.

As transcrições foram feitas levando em consideração e respeitando a linguagem de cada entrevistada. Por isso, ao transcrevemos, preservamos resquícios da linguagem original, nos fundamentando em Lélia Gonzalez (2020) ao confrontar o paradigma dominante em seus textos utilizando uma linguagem sem obediência às regras da gramática normativa, dando visibilidade ao legado linguístico de povos que foram escravizados, chamado por ela de “pretuguês”. Defendendo a descolonização do conhecimento e refutando uma neutralidade metodológica, pois entendemos que a linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora. A seguir, iniciamos a apresentação dos dados coletados.

A entrevistada A (**Dona Lourdes**, Alto da Pombas) tem 85 anos e participou do grupo de mulheres da associação de bairro e da ALARMES, sempre residiu no Alto das Pombas. Com o seu relato conseguimos extrair as seguintes informações relacionadas a a Vivência e ao MLS

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

Quadro 1 – Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista A

Vivências
Foi... porque cresci, comecei a aprender as coisas, comecei a me desenvolver, né?... conhecer a vida... porque quando eu vivia lá, eu não conhecia a vida, eu não saia, comecei a ter amizades, comecei a sair pra curtir minha vida
[...] o pai de minha menina, aqui mesmo no Alto das Pombas... ele morava na..., O nome dele era Silva, aí me envolvi, tive minha filha... pronto.
Ficamos... ficamos, Ali mesmo atrás da padar... atrás da igreja, A gente vivemos quatro anos, mais ou menos, só
E tive só uma filha com ele, mas deixei de ser doméstica, fui lavar roupa pra cuidar da minha filha.
Eu só aluguei um quartinho e foi morar com ela... depois me envolvi com o pai de minha outra menina, com essa turma aí... tudo aí é meus filhos
Uma é neto e a outra é a minha filha caçula, essa que tá aí, É filho daquela que...
Eu gosto de morar aqui... eu não tenho o que dizer daqui do Alto das Pombas, não... a gente aqui mora num paraíso... o povo fala muito... não vou dizer que é 100%, mas à vista de muitos bairros que tem aí, minha filha.
Ah, eu nem sei por que me separei do primeiro marido... é que ele arranhou mulher na rua, depois casei com Domício Casamos... na igreja e no civil.
Foi quando adquirimos um terreno aqui e viemos pr'aqui, ah, levou um tempinho... quase ou mais de um ano... pra fazer mesmo a casa, demorou quase dois anos... depois que a gente começou a construir...
O pai de minha menina, mesmo, era um galinha
Aí, saio... quando tem passeio, eu vou pra passeio... já fui pra Bom Jesus da Lapa um bocado de vezes
todos meus filhos estudaram, tiraram o segundo grau... o terceiro ano... todos
Edmilson meu filho... Trabalhava como porteiro, como zelador; agora faz faxina.
Aqui?... Não falei que era cheio de mato, de lixeiro, o povo jogava lixo... tinha pé de tudo quanto era coisa... saputi, manga... aí a prefeitura. a gente ganhou ... Pertencia à Santa Casa... outros dizem que era ao dono da padaria... Não sei... depois que a gente ganhou a questão... lutamos e ganhamos, aí a prefeitura veio, mandou derrubar os pés de mato tudo; passou o trator e ampliou tudo. Aterrou tudo pra puder a gente fazer...dividiu tudo igual
O chão não tinha asfalto tudo barro
Quando a gente começou a fazer as casas, a prefeitura veio e botou os postes... depois a gente foi pedir...
De bloco... Todas aqui, quando a gente ganhou, a prefeitura veio e botou os postes, não é? Depois, quem teve condições de botar a luz em casa, foi botando e sempre dando gato aos outros... depois cada um foi botando o seu, foi a mesma coisa para água.
Tínhamos chafariz, e a maioria do alto das pomba pegava água no chafariz,
Não Tinha a escola... aqui dentro do bairro, não... tinha ali ne frente do Campo Santo... aquela escola ali... Carlos Onofre
Tinha o Posto Médico... sempre teve o Posto Médico e a igreja sempre teve posto médico e igreja
A igreja, sempre eu vou... já fiz parte, assim... tinha... quarta-feira tinha o grupo de oração e eu ia... meus filhos, tudo se batizou aí, fez primeira comunhão... tudo aí
MLS
Como lavadeira?... continuo até hoje... eu me aposentei por idade, mas é pouco... o salário é pouco... e tenho de sair também... me divertir, né?... sair, passear, tomar minha cerveja no final de semana... e o dinheiro não dá
minha filha mais velha trabalha na lavanderia também
algumas casas mesmo com água encanada faltava muito, e pegava água no chafariz para lavagem de roupas
A gente dizia "vamos pro grupo de mulheres", mas era o "grupo de mães"
Fiz parte do grupo de grupo de mulheres, e sempre ia no debate da associação quando tinha, pois era para ajudar o nosso povo

Fonte: Dados da pesquisa, entrevista realizada dia 18 de maio de 2021.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Observa-se nas falas da entrevistada acima, lembranças pertinentes às suas vivências pessoais mais do que relatos sobre MLS, porém como analisado nos documentos, as associações de bairros e de mães misturavam-se, tanto quanto em relação às reivindicações das trabalhadoras quanto aos documentos produzidos.

No discurso “minha filha mais velha trabalha na lavanderia também” nota-se a perpetuação do ofício, porém não demonstra sentimentos de desgosto ou indignação, pelo contrário, pela entonação na voz, demonstra alegria, como algo bom e positivo. Corroborando com Ecléa Bosi (1994), ao afirmar que onde os costumes e lembranças são repassados de gerações em gerações perpetuando uma consciência de identidade e classe.

A entrevistada B (**Dona Rosa**, Brotas) tem 87 anos, morou em diversos bairros de Salvador, participando da Associação das Lavadeiras de Santa Luzia. A Lavanderia Santa Luzia é uma das lavanderias comunitárias mais antigas e em funcionamento em Salvador, datada da época de 1950. Com o seu relato conseguimos extrair as seguintes informações relacionadas a Vivência e ao MLS.

Quadro 2 – Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista B

Vivências
Ô minha filha, as lembranças sempre irão ficar. Mas naquele tempo, era muito difícil, muito difícil. A gente fazia isso porque tinha que ajudar, tinha muito filho, e pra não passar necessidade. A gente tinha que trabalhar, tinha que ajudar os maridos, muitas, não conseguiam, porque naquele tempo era mais difícil os maridos, não deixavam, elas saírem, nem pra trabalhar, mas só que o meu marido, com tudo, eu sempre quis ajudá-lo e eu conseguia, apesar das dificuldade, nós tivemos quatro filhos e tinha que criar, né, "fia". Tinha que criar, então, não tinha como, naquele tempo e além de tudo, ainda a gente era muito desrespeitada, a gente não era gente.
Meus filhos cresceram ajudando na roupa, tinha que andar muito ir pra longe, pra lavar as roupas não querer nem lembrar do sofrimento vivido, pois se —sentia humilhada, nunca me senti gente. Me vem água nos olhos. A vida era ruim, era triste.
A gente tinha que se deslocar pra longe é, tinha algumas lavanderias, só que poucas, poucas das mulheres lavava, conseguiam vaga e a gente tinha que ir lá na beirada do rio, lavar, a gente usava sabão, a gente mesmo produzia sabão a gente fazia sabão de soda e o sabão de soda era muito forte a gente ficava com os dedos todos machucados, só que com o tempo passando o sabão foi melhorando, e a única coisa pior era que a gente tinha que muito longe, lavar a mais. Que jeito, né?
Quando a gente deixava com a vizinha, mas aí os maior tava responsável. E a gente pediu uma vizinha, uma prima pra fica e tinha que ser bem rápido, porque como os maridos trabalhava o dia todo, aí ficava, aí o maior cresceu e ficava mais
MLS
A gente passou a ser mais respeitada e valorizada. Com o tempo é que as coisas foram mudando, pois hoje a gente tem direito a aposentadoria, e hoje eu posso chegar em qualquer lugar e dizer que sou lavadeira e eu sou e todos os meus documentos estão como lavadeira, e antes não podia.
Assim como eu já havia dito, eu não tinha tempo, como eu disse eu tinha 4 filhos, e aí eu não tinha muito, mas eu apoiava com o que eu conseguia, e a gente queria muito nossos direitos,
[...] a gente era muito desrespeitada, falaram muito, e existia, muito, muito antigamente não era igual hoje, que sai uma história, e aí... e aí que não conseguia provas igual hoje, e hoje é mais fácil conseguir provas que as coisas acontecem, e também naquele tempo a gente como mulher não tinha muito direito, era muito

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Vivências
desrespeitada inclusive algumas faziam pra lutar pelos direitos, eram chamadas de nomes, eram "mulher de vida fácil" e esse tipo de coisa
Tenho muita saudade do tempo em que eu lavava roupa, eu tenho saudade, eu tenho... Tudo que construí agradeço a Deus e minha trouxa de roupa. A associação ajudou muito, convidada para participar. Sou uma das lavadeiras mais velhas, fui uma das fundadoras da creche.

Fonte: Dados da pesquisa, entrevista realizada dia 19 de maio de 2021.

Ao analisar o quadro da entrevistada B, nota-se no seu discurso frases como: “a vida era muito difícil” e “tudo que construí agradeço a Deus e minha trouxa de roupa”, as dificuldades perpassadas pela vida na lavagem de roupas. Em outros trechos, entretanto, identificamos um sentimento de afeto e saudosismo: “tenho muita saudade do tempo que eu lavava roupa”. Saudoso, pois as lembranças aqui, apesar de muita luta, atingiu seus objetivos com melhorias para a comunidade e para si na educação dos filhos.

Alinhando com teoria de Michel Pollak (1992), onde vozes subalternizadas são silenciadas pelo sistema opressor dominante, identificamos em trechos como: “hoje eu posso chegar em qualquer lugar e dizer que sou lavadeira e eu sou”, os sentimentos de reconhecimento e identificação, percebendo que o que vivenciou foi uma imposição alheia a sua dignidade humana.

Seguindo o raciocínio apresentado na seção anterior com as narrativas documentais, no quadro 6 a seguir, sintetizamos algumas informações a respeito dos trechos selecionados a partir das narrativas orais também relacionando com sentimento de “Dificuldade” referente a categoria Vivências e “Lembranças” para os dados relativos à categoria “MLS”.

Quadro 3 – Síntese do Levantamento das narrativas orais

Categoria: Vivência	Expressão: Dificuldade
Entrevistada A Fala de sua vivência no Bairro, e como começou lavar roupa, continuou lavando roupa.	Entrevistada A Dificuldades sanitárias, e criação dos filhos. Tem uma filha seguiu a profissão
Entrevistada B Descreve dificuldades Sustento os filhos e marido, pobreza.	Entrevistada B Doenças ocasionadas pela lavagem, moradia e problemas sanitários.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Categoria: MLS	Expressão: Lembranças
Entrevistada A	Entrevistada A
Não fica claro o propósito do movimento (mas vê como algo importante, para ajudar os demais).	Tem recordações boas, vividas pelo grupo de mulheres.
Entrevistada B	Entrevistada B
Não teve participação ativa no movimento, mas declara a sua participação na importância da creche.	Não tem recordações boas, sente falta do modo que era a lavagem antiga.

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir das narrativas orais:
trechos selecionados das entrevistas A e B.

No levantamento das informações do quadro 3 sobre as entrevistadas, observa-se a falta de consenso quanto a percepção de si através do movimento, no entanto ambas demonstram a necessidade da presença do coletivo em ajudar o outro, destacamos como os movimentos sociais “[...] projetam sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo” segundo Maria da Glória Gohn (2011, p. 336).

Na análise das narrativas também verificamos as desigualdades de gênero, através da fala da entrevistada A, ao mencionar que os casamentos não deram certo, pois “ele era galinha”. E na entrevistada B, quando ela menciona que “mulher era desrespeitada”, entretanto sinaliza que trabalhava para ajudar ao marido, reforçando o modelo patriarcal, onde mulheres não são donas de si, nem do seu próprio dinheiro.

As recordações relatadas quanto ao movimento são de muita de “luta” e de “fé em Deus”, pois a “vida era difícil”, relacionando essa experiência com as doenças, falta de recursos econômicos, criação dos filhos, preocupação com a velhice e regularização da profissão.

5 “MARIA TEM MUITA ESPERANÇA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, identificamos alguns trabalhos que demonstram a preocupação com o apagamento de memórias subterrâneas, em contramão, nos parece que ainda nos permitimos ou somos condicionadas(os) a seguir princípios da área que se mostram arbitrários, ao colaborarem com práticas opressoras e excludentes.

Ao examinar as memórias nas narrativas observamos nuances nas histórias de vida, principalmente na percepção de si enquanto indivíduos/pessoas em relação ao grupo, indo de encontro com as teorias mais atuais que se aplicam a pesquisa com características pautadas no construtivismo social. Assim, nos discursos também observamos indícios que evidenciam

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

o pertencimento associativo, pois mesmo que na maioria das vezes, não se reconheciam como “gente” de direitos em sociedade, nas reuniões das associações se identificavam como grupo e percebiam sua importância. O que desvela essa transformação social, permitindo observarmos que a Ciência da Informação, pode dialogar com a subjetividade das narrativas.

Ao nos debruçarmos nas narrativas para (re)construção da trajetória do MLS, identificamos problemas de gênero, classe, raça/etnia que sobressaltam nos discursos, não tão demonstrados nos instrumentos arquivísticos para acesso e recuperação da informação no Fundo do MLS. Os registros das histórias orais apontam problemas sociais estruturantes na construção da sociedade, evidenciando as narrativas como fonte de informação em consonância com responsabilidade e ética social da CI.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a Produção do Conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Obras Escolhidas, 1). Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. (Estudos Brasileiros, 1). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%3%A7%3%A3o.pdf. Acesso em: 1 jun. 2024.

CADERNO DO CEAS. Salvador: Centro de Estudo e Ação Social, jan. 1988. Suplemento, Lavadeiras: Mulheres construindo um movimento.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-351, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDckCRVp/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HEDSTROM, Margaret. Arquivos e memória coletiva: mais que uma metáfora, menos que uma analogia. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather. **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 237-259.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

POLLAK, Michel. Memórias e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SOARES, Cecilia Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856/13456>. Acesso em: 1 jun. 2021.

VIANA, Edmeia Laurentina. **O Movimento das Lavadeiras de Salvador**: o papel social dos arquivos na ressignificação da memória coletiva. 2020. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.